

Rede pública da região tem 5.378 estudantes com autismo

Maioria está matriculada nas escolas municipais: Santo André tem maior número de alunos (296), seguida por São Bernardo (800) e Diadema (620)

BEATRIZ MIRRELE
bmirrele@g1globo.com.br

A educação é a chave de entrada para a construção de um futuro melhor. A escola é a primeira experiência de uma criança com outras realidades. Nela, os alunos são alfabetizados, desenvolvem habilidades intelectuais e motoras, entre outras características para ajudá-los no convívio social. Seja na escola regular ou especializada, as práticas de ensino que respeitem a individualidade de cada estudante são ainda mais necessárias para crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista).

André tem o maior número, com 996 alunos autistas. Em seguida, estão São Bernardo (800), Diadema (620), São Caetano (601), Mauá (593), Ribeirão Pires (248) e Rio Grande da Serra (23). Já nas escolas estaduais da região são 1.700 estudantes com TEA. "Temos alunos com TEA que acompanham muito bem os conteúdos didáticos, mas têm dificuldades sociais e sensoriais. Há também crianças não-verbais, que têm maiores dificuldades na aprendizagem do conteúdo. Cada criança é um caso", explica a orientadora educacional de Ribeirão Pires Valquíria Servilha, pedagoga com especialização em pedagogia hospitalar e empresarial, psicopedagoga e psicomotricidade. Para alunos com TEA, são ofertadas atividades adaptadas com planejamento e mate-



APOIO. Pedro Barbosa é acompanhado por auxiliar na Escola Municipal Engenheiro Carlos Ruhnfi, em Ribeirão Pires.

riais direcionados. "Em Ribeirão, temos 16 salas de recursos de atendimento profissional especializado. Se a criança não consegue focar no que o professor diz, dificilmente vai conseguir se alfabetizar. Fazemos um trabalho para desenvolver as habilidades de concentração para que ela melhore dentro de sala de aula."

A professora de Educação Física Angelica Souza, 49 anos, moradora do Bairro Colônia, em Ribeirão Pires, é mãe de Pedro Barbosa, 8, um aluno da rede municipal diagnosticado com TEA no ano passado. "Ele é prematuro, nasceu com 26 semanas (seis meses). Aos 4 anos, quando foi para a escolinha, a diferen-

ça em comparação às outras crianças foi gigante. Ele ainda não falava, usava fraldas". Naquela época, o garoto realizou avaliação pela Apreispi (Associação de Prevenção, Atendimento Especializado e Inclusão da Pessoa com Deficiência de Ribeirão Pires), mas o primeiro laudo foi inconclusivo. Apenas em 2022, a família

teve certeza que ele é autista em grau de suporte leve. "Mesmo antes, ele já tinha amparo. Sempre foi acompanhado por auxiliar e teve acesso à sala de recursos. Ele precisa de um cuidado com letras maiúsculas e tudo isso a Prefeitura oferece". Segundo Angelica, o garoto, que aprendeu a falar aos 5 anos de idade, tem poucas adversidades na rotina escolar. "Ele sabe ler, acompanha bem as atividades. As únicas questões são de interação social e comunicação", detalha. Os avanços no desenvolvimento de Pedro a partir do apoio da escola são notáveis, segundo Angelica, mas o exemplo dele não é uma regra na região. Apesar de ser um direito, algumas mães relataram ao Diário as dificuldades para que os filhos tenham acesso a um auxiliar dentro da sala de aula. De acordo com elas, as unidades de ensino alegam que "não há necessidade" de acompanhante.

Parceria entre família, escola e saúde faz parte do tratamento

A recomendação do acompanhamento com equipe multidisciplinar é recorrente entre os profissionais da saúde em diagnósticos de TEA (Transtorno do Espectro Autista). Para ajudar no tratamento, é fundamental a união entre a família, a escola e os especialistas que acompanham a criança para que os resultados sejam mais eficazes. Essa proposta de parceria é realizada em escolas da rede pública da região, que aproveitam as recomendações dos psicólogos para incorporar conteúdos mais eficazes em casos de autismo, explica a orientadora educacional Valquíria Servilha, pedagoga com especialização em pedagogia hospitalar e empresarial, psicopedagoga e psicomotricidade. Para a especialista, o

apoio da família gera funcionalidade. "Se não tiver integração entre cuidadores, escola e terapeutas, os avanços serão mais demorados", analisa. De acordo com a psicóloga Valquíria Pucci Wollmann, diretora da clínica Potencializa Comportamental, em Santo André, o primeiro passo para o início da terapia em ABA (Análise do Comportamento Aplicada) é avaliar como a pessoa com autismo age e como ela deveria responder considerando a comunidade em que vive, necessidades funcionais e falta delas. Após a avaliação, é estabelecido um plano de ação para ampliar o repertório do paciente. "A família precisa ser nossa parceira. Tudo o que a gente traz para o ambiente clínico deve

ser reproduzido em outros locais. Da pais e a escola são essenciais nesse progresso", pontua a especialista em ABA ao Autismo pela Ufscar (Universidade Federal de São Carlos). Valquíria Wollmann destaca que as intervenções e os resultados não são como "uma receita de bolo" e devem considerar inúmeras variáveis. Mesmo assim, ela reforça que, geralmente, alunos com TEA ficam mais tempo em contato com o mesmo tema de ensino até absorvê-lo. Nesse período, os profissionais costumam usar mais de uma técnica de aprendizagem. "A aceleração é um processo contínuo. Os medos e inseguranças são grandes que, às vezes, as famílias acabam superprotegendo e deixam de ofertar outras formas de aprendizagem. Por isso, também é necessário que os pais façam acompanhamento terapêutico", comenta.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 1